

## As expectativas profissionais dos alunos universitários na maturidade

*The professional expectations of university students in the maturity*

Flávia Yara Alves Barboza  
Marcia Regina Silva do Vale  
Daniel Siquieroli Vilas Boas

**RESUMO:** Esta pesquisa teve como objetivo investigar os motivos que têm conduzido pessoas na maturidade a ingressar em cursos superiores de graduação e suas expectativas após a formatura. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevista com alunos acima de 50 anos de idade. Nossos resultados mostraram que 50% dos sujeitos entrevistados buscam uma atualização cultural e 100% deles pretendem exercer a nova carreira. Concluímos que a busca por atualização é uma característica humana já que sua existência é um processo contínuo de desenvolvimento de seus projetos de vida.

**Palavras-chave:** Maturidade; Envelhecimento; Curso de Graduação; Ensino Superior.

**ABSTRACT:** *This research had as objective to investigate the reasons that people in the maturity age have lead to enter in superior courses of graduation and its expectations after their formation. This work is a carried through qualitative research through interview with 50 years old or above students. Our results had shown that 50% of the interviewed search a cultural update and 100% of them intend to exert the new career. We conclude that the search for a cultural update is a human being characteristic since its existence is a continuous process of development of its projects of life.*

**Keywords:** *Maturity; Aging; Graduation Courses; Higher Education.*

## Introdução

“*Nascer, crescer, desenvolver, reproduzir, envelhecer e morrer*”, esta é uma imagem possível para o transcorrer da vida humana. Nesta perspectiva, a velhice aparece como a última imagem que se cria do ser humano antes da morte. Isso pressupõe um limite, um limiar antes do fim. (Dias, 2006).

O envelhecimento é marcado por uma noção de tempo biológico em que etapas da vida evoluem linearmente e aparecem como algo natural, indicando a existência de uma programação genética que resulta em certo tempo de vida para as células e organismos.

A busca por prolongar, ampliar, dilatar o tempo de vida e por romper esse limite, parece sempre ter ocupado os sonhos e desejos humanos, e descobrimos, durante a pesquisa realizada para delinear este trabalho, que essa busca reflete-se intensamente nas produções literárias, artísticas, cinematográficas e científicas.

Predomina ainda, nessas produções literárias, o aparecimento de características como rugas, cabelos brancos, perda da capacidade reprodutiva e esquecimento. A velhice normalmente é marcada pela diminuição da velocidade dos ritmos biológicos e o comprometimento das funções do organismo. O fato de ser jovem e manter-se jovem está relacionado com a possibilidade de conservação e de manutenção, no decorrer do tempo, das propriedades e funções orgânicas e também de uma imagem estética criada pela negação das marcas da velhice.

Leite (2006) lembra que, nos tempos atuais, com a revolução demográfica e o envelhecimento da população, cada vez mais a velhice está deixando de ser um problema de cada família (que decide o que fazer com seus velhos) e está se transformando em uma preocupação internacional dos governos, diante das implicações sociais e econômicas. Uma das questões que se coloca é que o aumento da expectativa de vida tem mostrado que a modificação da estrutura etária da sociedade, com um predomínio da chamada população dependente (menores de 15 anos e maiores de 65), colocará os idosos em condições desfavoráveis, tanto em termos materiais, quanto psicológicos e culturais.

Com a mudança de mentalidade, os valores culturais de juventude, competição e auto-suficiência estão se tornando, naturalmente, menos importantes para a parcela mais velha da população. Novos valores, novas necessidades, novos questionamentos, surgem a cada dia, sendo que muitas deles permanecem sem soluções e respostas.

Sabemos que o século XXI trouxe uma novidade para o Brasil: a pirâmide demográfica brasileira está se avolumando e, se a taxa de crescimento da população de idosos se mantiver, no futuro, essa pirâmide não será diferente das demais do primeiro mundo. Por outro lado, ao mesmo tempo em que essa população cresce, cresce também seu interesse em transformar esse período da vida em algo agradável e gratificante.

A vontade de envelhecer de forma saudável faz com que os idosos procurem atividades que lhes proporcionem saúde, prazer e bem estar. Entre estas, surge o desejo de estudar, ampliar seu nível cultural e até, em muitos casos, voltar a trabalhar.

Atualmente, pessoas com mais de 50 anos recebem muitas ofertas de cursos da chamada Universidade Aberta para a Terceira Idade. Trata-se de cursos de atualização, geralmente ligados a alguma Universidade, que não exigem provas para ingressar, como o vestibular, nem a apresentação de diploma de primeiro ou segundo grau. Esses cursos não serão alvos de nossa pesquisa, que foi direcionada apenas aos cursos superiores de graduação.

Leite (2006) diz também que o envelhecimento está começando a ganhar força nos dias atuais e a ideia de uma visão mais positiva resulta de fatores variados, destacando-se o crescimento numérico dos idosos no mundo inteiro. Em consequência cresce entre eles a consciência dos seus direitos, assim como sua capacidade de influência nas diversas esferas sociais, suscitando novos valores, necessidades e questionamentos.

Vive-se hoje, uma grande contradição cultural, pois nossa sociedade que se baseia principalmente na produção investe muito em pesquisas de aumento da longevidade de seus integrantes, ou seja, hoje se busca aumentar a esperança de vida daqueles que, do ponto de vista social, já não contribuem mais (Folegati, 2006). Nesse sentido, observa-se nas universidades um aumento do número de alunos na maturidade que ingressam em cursos de graduação, despertando, na Gerontologia, uma curiosidade científica sobre o tema que precisa ser pesquisada para se conhecer mais sobre a vida social do idoso na atualidade.

Dessa forma, este estudo teve o objetivo de investigar os motivos que têm conduzido pessoas na maturidade a ingressar em cursos universitários de graduação e suas expectativas futuras após a formatura.

## Fundamentação Teórica

A primeira instituição brasileira a se preocupar em oferecer de forma consistente atividades voltadas às pessoas idosas foi o SESC (Serviço Social do Comércio), tendo inclusive criado nos anos 80 a Escola Aberta da Terceira Idade. Em 1990, outras universidades públicas abriram faculdades de terceira idade, com uma programação diferenciada para atender às necessidades da população de idosos (Liberato, 2006).

A exigência mínima para o acesso à Faculdade da Terceira Idade é ter o curso primário completo e a idade mínima que, segundo o que é definido por lei (60 anos), passou a ser de 45 anos em função das sucessivas demandas da própria comunidade.

Há pessoas que procuram a Faculdade da Terceira Idade por recomendação médica, embora o objetivo não seja ela exercer qualquer papel terapêutico. É fato que muitos dão testemunhos de que viviam doentes incapacitados para a vida e que, depois que começaram a frequentar a faculdade, se recuperaram, e se tornaram independentes de remédios e médicos. Os integrantes das Faculdades da Terceira Idade, ao ingressarem nas mesmas, veem despertar seus talentos, percebem uma melhora tanto no seu bem-estar, como na sua qualidade de vida. Esses indivíduos se redescobrem, passam a conviver e compartilhar suas experiências de vida com outras pessoas, percebendo que ainda estão plenas de possibilidades (Liberato, 2006).

Existe um perfil que vem se confirmando nos últimos 10 anos, em que a faixa etária dominante é de pessoas entre 60 e 65 anos; entretanto, a existência de alunos nonagenários já foi documentada e 90% desse contingente corresponde ao sexo feminino (Santos, 2006).

A Faculdade da Terceira Idade tem seu curso dividido em três ciclos: básico I, básico II e Centro de Estudos Avançados para a Terceira Idade (CEATI), sendo que todos possuem a mesma estrutura. Esse curso com duração de um ano e meio permite que aqueles que o concluem permaneçam ligados à faculdade, atuando junto ao CEATI, na elaboração de programas e na área da pesquisa (Cachione, 2003).

Os frequentadores da Universidade da Terceira Idade têm como um de seus objetivos, além do aprendizado, a socialização. É muito importante que os mesmos estejam integrados em turmas, construindo assim uma identidade comum. O exemplo da Universidade de São Paulo (que tem o curso da terceira idade de caráter de Universidade Aberta à Terceira Idade, permitindo que o aluno crie sua própria grade curricular, não havendo assim turmas, foi reproduzido na Universidade do Vale do

Paraíba, não trazendo resultados positivos, justo por não ter conseguido promover a integração social entre seus frequentadores (Liberato, 2006).

A peculiaridade da Faculdade da Terceira Idade está no destino diverso das pessoas que a frequentam: alguns interrompem os estudos, outros se dedicam à pesquisa ou ingressam em outros cursos, como turismo ou direito, com intenção de exercer a profissão.

Há consenso de que o docente, junto aos alunos da Terceira Idade, deva ser mais um mediador, aproveitando, no processo de aprendizagem, experiências vivenciadas pelos alunos, na maioria das vezes ricas em ensinamentos; porém, a formação específica de professores para ministrar aulas nas Faculdades da Terceira Idade ainda é incipiente (Cachione, 2003) e cabe ao docente, portanto, uma visão mais crítica sobre seu papel na sala de aula.

Os idosos são os sujeitos ativos no processo de aprendizagem na Faculdade de Terceira Idade; portanto, capazes de participar na definição de situações que requeiram mudanças. Assim, essa clientela deve escolher o meio mais estimulante e prazeroso de aprender, atingindo propósitos que deem sentido à vida.

Segundo Simone de Beauvoir, *“a liberdade e a lucidez não servem para grande coisa se nenhum objetivo nos solicita mais; elas têm um grande valor se ainda somos habitados por projetos”* (Cachione & Neri, 2004).

É graças à emergência da velhice como fenômeno social, que a Gerontologia vem crescendo e se transformando numa área especializada do saber e de intervenção, que agrega profissionais de diversas disciplinas e profissões.

No Brasil é lenta a construção, no campo da educação gerontológica, de políticas acadêmico-científicas direcionadas à investigação das questões associadas ao processo de envelhecimento, à velhice e aos idosos, e de políticas acadêmicas voltadas para a formação do profissional que trabalha com o segmento idoso. O desafio do tema evidenciou-se a partir da criação das Universidades da Terceira Idade, que instauraram nas instituições de ensino superior um espaço privilegiado tanto para o ensino direcionado aos adultos maduros e aos idosos, como também para a formação de recursos humanos (Cachione, 2003).

A heterogeneidade dos alunos é um dos fatores que dificultam um aprimoramento metodológico voltado especificamente para o ensino nas Faculdades da Terceira Idade. Cada aluno desenvolve trajetória típica de vida e o acúmulo das experiências tende a torná-lo agente de seu próprio aprendizado.

O crescente interesse pelo tema da longevidade, da inserção social do idoso por meio da educação continuada, e os programas desenvolvidos pelas instituições educacionais para os idosos, mostram-se extremamente gratificantes. Contudo, para o sucesso desse processo educacional, exige-se que os profissionais envolvidos, apresentem condições adequadas para atender aos interesses e necessidades específicas de um universo tão peculiar (Néri & Freire, 2000).

De certa forma, o envelhecimento é visto como um evento de vida negativo associado às doenças, contrastando com expectativas sociais e valores culturais que priorizam beleza e produtividade. Quando uma pessoa se aposenta diminui sua autoridade, seu papel econômico se torna menos claro, sua renda diminui. Como esses critérios definem uma situação social, ocorre, conseqüentemente, uma perda de *status*. Néri (1991) afirma que esse problema pode ser reflexo dos sentimentos negativos em relação ao baixo *status* sócio-econômico, problemas de saúde e solidão, frequentemente associados à velhice. Dessa forma, expectativas sociais e valores culturais influenciam na realização das tarefas evolutivas dos adultos e parecem contribuir para a manutenção de uma visão negativa da velhice.

Néri (1993) chama a atenção para o fato de que: - a manutenção de uma sensação positiva da personalidade; - a consideração de novas metas quando as já estabelecidas não podem ser alcançadas; - a flexibilidade ante as condições de vida e o acesso às novas referências que permitam uma reorganização dos padrões pessoais e dos valores, favorecem a manutenção da auto-regulação que também protegem o indivíduo.

O envelhecimento bem sucedido é visto como um processo geral de adaptação, descrito como otimização seletiva com compensação (Baltes, 1995). Dizendo de outro modo: ainda que seja crescente a limitação imposta pela natureza biológica, a pessoa idosa deseja aumentar suas potencialidades, voltando-se à tarefa adaptativa de selecionar metas e objetivos mais importantes para sua vida, ao otimizar recursos e compensar perdas. As mudanças biológicas não podem, assim, ser vistas como doenças.

A motivação, a educação e a cultura favorecem os processos cognitivos, motores, sensoriais e intelectuais de um indivíduo. Ocorrem-lhe, também, a diminuição do potencial biológico e o aumento da necessidade de utilização de recursos psicológicos, sociais e culturais, para compensar tais perdas. A pior adversidade que pode acompanhar o envelhecimento é o despojamento social. É preciso que o indivíduo tenha projetos que não envelheçam. Torna-se necessário conceber uma cultura positiva da velhice com interesses, trabalhos e responsabilidades que tornem sua sobrevivência

digna (Bosi, 1994).

As preferências individuais, as expectativas quanto ao futuro, às realizações, e às metas, são indicativas de tarefas evolutivas (Néri, 1991).

## **Material e Métodos**

Foram entrevistados neste estudo 12 indivíduos, sendo 9 do gênero feminino, com idades variando de 52 a 60 anos de idade ( $56 \pm 2,74$ ); e 3, do masculino, com idades variando de 58 a 62 anos de idade ( $60 \pm 2,00$ ).

Os sujeitos, na época da pesquisa, eram alunos de graduação dos cursos de Pedagogia, Direito, Jornalismo, Educação Artística, Educação Física e Gerontologia, da Universidade Santa Cecília, Santos (SP).

Foram incluídos neste trabalho indivíduos voluntários com mais de 50 anos de idade e devidamente matriculados em curso superior de graduação e excluídos aqueles com menos de 50 anos de idade.

Os sujeitos só foram incluídos após terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que apresentava todas as informações necessárias acerca dos objetivos do estudo, do protocolo de pesquisa e da utilização das respostas obtidas na entrevista para análises.

As entrevistas com os sujeitos da pesquisa foram realizadas no campus da universidade citada, por meio da aplicação de um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas. O questionário foi elaborado pelos autores e apresentava as seguintes perguntas:

1. O que o levou a fazer um curso de graduação?
2. Você está animado com seus estudos na maior parte do tempo?
3. Você tem deixado muitos de seus interesses e atividades em função da faculdade?

4. Você se sente inferior em relação aos colegas da sala?
5. Em geral, quanto você confia em suas próprias capacidades?
6. Que confiança você tem de que vai ter sucesso nos seus planos futuros?
7. Você fica preocupado para falar diante da classe ou grupo de colegas?
8. O quanto você se preocupa em dar-se bem com os outros colegas de sala?
9. Quantas vezes você se sentiu bem sucedido em reuniões de trabalho escolar?
10. Você já pensou alguma vez que seu esforço não está valendo a pena?
11. Você já se sentiu desiludido com seus colegas de sala?
12. Qual sua expectativa após se formar?

As questões de números 1 e 12 eram abertas e as demais fechadas. Para as questões de 2 a 4, os sujeitos deveriam assinalar “sim” ou “não” como resposta; e para as questões de 5 a 11 deveriam assinalar “muitíssimo”, “muito”, “mais ou menos”, “um pouco” ou “muito pouco” como resposta.

## **Resultados**

Em relação aos motivos que levaram os sujeitos a ingressar em um curso de graduação, os resultados encontrados foram os seguintes: 50% relataram terem ingressado no curso para adquirir novos conhecimentos; 16,7%, para a realização de um sonho; 16,7%, o desejo de uma nova profissão; 8,3%, em função da solidão/depressão; e 8,3%, para garantir um emprego no Estado.

Quando questionados sobre a animação com os estudos, os entrevistados foram unânimes: todos relataram estar animados.

Quando questionados sobre se deixam muitos de seus interesses e atividades em função da faculdade, as respostas foram divididas: 50% dos entrevistados relataram que sim; e 50% relataram que não deixam seus interesses.

Dois entrevistados (16,7%) relataram existir um sentimento de inferioridade em relação aos colegas de sala, mas 83,3% deles referiram nunca ter experimentado esse



sentimento.

A maioria dos entrevistados apresentou muitíssima (25%) ou muita (41,6%) confiança em suas capacidades, sendo que 66,8% apresentam (muitíssima e muita) confiança no sucesso de seus planos futuros. Em relação a falar diante da classe ou grupo de colegas, a maioria apresentou pouca (25%) ou muito pouca (33,4%) preocupação a esse respeito (Figura 1).

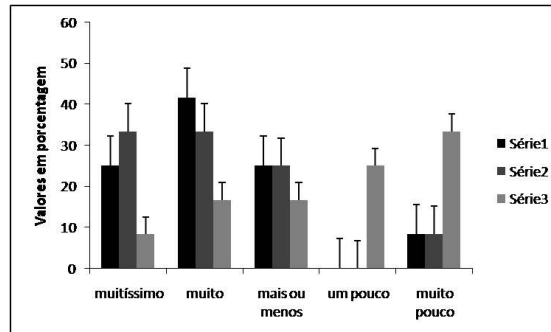


Figura 1. Representação gráfica dos resultados em relação aos seguintes itens: confiança em suas capacidades (série 1); confiança no sucesso futuro (série 2); e preocupação em falar diante dos outros (série 3).

A maioria dos entrevistados apresentou muitíssima (33,4%) ou muita (41,6%) preocupação com o convívio com os colegas em sala de aula; sendo que 50% apresentam com muita frequência o sentimento de sucesso em reuniões de trabalho escolar; e 58,3% pensam muito pouco que seus esforços não estão valendo a pena. Em relação aos colegas de classe, 41,6% afirmam se desiludir às vezes (Figura 2).

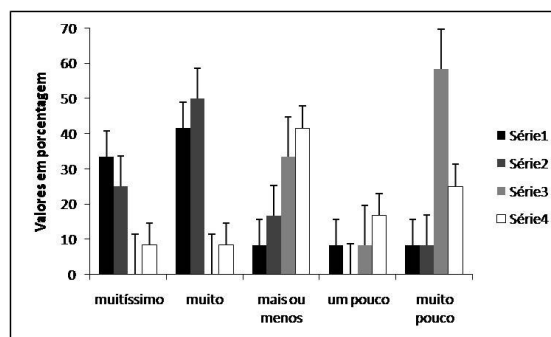


Figura 2. Representação gráfica dos resultados em relação aos seguintes itens: convívio na sala de aula (série 1), sensação de sucesso em trabalhos escolares (série 2), avaliação do esforço (série 3) e desilusão com colegas (série 4).

Quanto às expectativas em relação ao futuro, os resultados encontrados foram os seguintes: 66,8% relataram que exercerão a nova profissão; 16,7% trabalharão em ONG; 8,3% abrirão seu próprio negócio; e 8,3% se candidatarão a uma vaga no Judiciário.

## **Discussão**

O que se expôs não esgota e nem chega, evidentemente, ao último nível de detalhamento do assunto, pois temos a intenção de continuarmos este trabalho, ampliando nossa amostra e estendendo nossa pesquisa a outras instituições de ensino.

A reportagem da Revista *Veja*, intitulada de “O plano B da meia Idade” (abril de 2006), revela dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, demonstrando um aumento da proporção de alunos com idade acima de 50 anos nas Universidades brasileiras, onde esta faixa etária triplicou, revelando uma dupla transformação em curso no Brasil. A primeira diz respeito ao mercado de trabalho, que “virou de cabeça para baixo” a forma como são exercidas algumas profissões tradicionais. A outra é o aumento da expectativa de vida dos brasileiros – não apenas se vive mais, mas também com boa saúde. Com vinte ou trinta anos de vida pela frente, é natural que pessoas acima de cinquenta anos se animem a fazer vestibular e tentar uma “virada profissional”.

A pesquisa deixa claro que o indivíduo procura a universidade realmente com vontade de aprender e crescer culturalmente. Esse resultado é corroborado com os achados do trabalho de Stano (2001), na qual a autora aponta o contexto escolar como um espaço possível para a construção da qualidade de vida, pressupondo participação, compromisso, inserção e renovação de significados, em uma permanente busca por parte do ser humano, enquanto ser inacabado, além de poder intensificar a auto-estima.

Os entrevistados, sujeitos desta pesquisa, relatam estar animados com seus estudos e os resultados apontaram que 50% dos alunos deixam outros interesses e atividades, para poderem frequentar a faculdade, e isso deixa entrever que eles têm tanta vontade de aprender que abandonam outras ocupações ou não as procuram, pois querem realmente estudar.

Apesar da diferença de idade ficou evidente de que a maioria não se sente inferior perante os colegas de classe, o que foi reforçado em outra resposta, onde

verificamos que dois terços dos entrevistados confiam em suas próprias capacidades.

A grande maioria acredita que a universidade proporcionará benefícios no futuro, o que permitirá realizar os planos estabelecidos.

Manter um bom relacionamento com os colegas de sala, sejam eles jovens ou da mesma idade, é uma preocupação da maioria dos entrevistados. Provavelmente em função disso, 50% desses entrevistados entendem que frequentemente têm sucesso nos trabalhos em grupo.

Cinquenta e oito por cento dos entrevistados entendem que estão no caminho certo, porque sentem que está valendo a pena o esforço. Vence, então, a vontade de continuar.

Quando questionados a respeito da expectativa após se formar, todos deixam claro que querem trabalhar. Os sujeitos que deram como motivo para estudar, realizar um sonho, curar a depressão, adquirir conhecimento, afirmam categoricamente sua intenção de ter uma atividade, de preferência remunerada. Poucos citaram vontade de desenvolver trabalho social. Este resultado acaba por comungar com dados do IBGE com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME), em que o instituto revelou um aumento de 2% no número de pessoas empregadas com 50 anos ou mais, entre agosto e setembro de 2006, totalizando 78,4 mil novos postos de trabalho.

Ao avaliarmos os resultados obtidos nesta pesquisa, constatamos o interesse dos indivíduos de se atualizarem culturalmente como sujeitos inacabados que o são. A educação faz parte do ser humano passando a ter sentido para o mesmo, porque o seu existir é um “estar sendo”, constituído por projetos de vida (Freire, 2000).

Esperamos que esse tema continue despertando interesse, pois ele nos revela que as universidades podem ser uma das alternativas para manter os idosos ativos, e por meio dos conhecimentos adquiridos possam contribuir constantemente (transformando) para a construção (mudança) de uma visão positiva sobre o envelhecimento e a velhice em si.

## **Conclusão**

Buscou-se, com este trabalho, colher material a fim de que, com estudos complementares, seja possível fundamentar cada vez mais a satisfação da população de meia idade pelo estudo, pela formação e pela construção de uma nova carreira.

A idade não interfere nas mudanças de planos, como por exemplo, uma nova

carreira. Embora nosso grupo de entrevistados tenha sido pequeno, podemos entender, a partir dos dados coletados, que estes indivíduos pretendem exercer esta nova profissão após concluírem seus estudos.

A vontade de se atualizar, fugir da solidão e/ou realizar um sonho, ambos os fatores refletem a preocupação destes indivíduos em buscar envolvimento com diferentes pessoas e atividades, enfatizando a importância de projetos de vida, que irão gerar benefícios de diversas ordens. Entendem que, depois da quinta década, ainda há muito pela frente, e que podem almejar uma vida melhor, com qualidade e com cultura, somada à “bagagem de vida” que já adquiriram.

Nesta relação com o mundo, o ser humano é concebido como um ser de práxis (reflexão-ação) e, assim como o mundo, é também compreendido como histórico-cultural, na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação.

## Referências

- Baltes, Paul (1995). Prefácio. In: Neri, Anita Liberalesso (org.). *Psicologia do Envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papyrus.
- Bosi, Ecléa (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cachione, Meire (2003). *Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de Universidades da Terceira Idade*. Campinas: Alínea.
- Cachione, Meire & Neri, Anita Liberalesso (2004, jan/jun). Educação e gerontologia: desafios e oportunidades. *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. Passo Fundo: 99-115.
- Dias, Suzana Oliveira (2006). Imagens da Velhice. [Versão eletrônica]. Recuperado em 10/08/2006, de [http://www.techway.com.br/techway/revista\\_idoso/cultura/cultura\\_susana.htm](http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/cultura/cultura_susana.htm).
- Folegati, Marcus (2006). Terceira idade faz faculdade sem vestibular. [Versão eletrônica]. Recuperado em 07/08/2006, de [http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/especial/info\\_080202.htm#1](http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/especial/info_080202.htm#1)).
- Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.
- Leite, Marcelo (2006). Contradição Cultural. [Versão eletrônica], recuperado em 10/08/2006, de [http://www.techway.com.br/techway/revista\\_idoso/cultura/cultura\\_niveal.htm](http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/cultura/cultura_niveal.htm).
- Liberato, Vânia Cristina (2006). A questão dos idosos no Brasil. [Versão eletrônica]. Recuperado em 08/08/2006, de

[http://www.techway.com.br/techway/revista\\_idoso/cultura/cultura\\_evlyn1.htm](http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/cultura/cultura_evlyn1.htm).

Neri, Anita Liberalesso (1991). *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: UNICAMP.

Neri, Anita Liberalesso (1993). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidência de pesquisa. *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus.

Neri, Anita Liberalesso & Freire, Sueli (2000). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus.

Santos, Sandro (2006). Universidades terão papel reformulador de políticas para idosos. [Versão eletrônica]. Recuperado em 12/10/2005, de [http://sistemauno.com.br/index.asp?page=institucional/noticia\\_busca&id=254](http://sistemauno.com.br/index.asp?page=institucional/noticia_busca&id=254)).

Stano, Rita de Cássia Magalhães Trindade (2001). Espaço escolar: um tempo de ser na velhice. In: Kachar, Vitória (2001). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez.

Recebido em: 24/10/2009

Aceito em: 14/11/2009

---

**Flávia Yara Alves Barboza** – Gerontóloga Clínica e Presidente do Conselho Municipal do Idoso de Santos (SP)

E-mail: flayara@uol.com.br

**Marcia Regina Silva do Vale** – Professora Doutora em Educação e Titular das Disciplinas de Estrutura e Instrumentação para o Ensino, da Universidade Santa Cecília

E-mail: marciavale@litoral.com.br

**Daniel Siquieroli Vilas Boas** - Professor Titular da Disciplina de Genética Humana e Coordenador do curso de Pós-Graduação em Gerontologia Clínica da Universidade Santa Cecília. Santos (SP), Brasil.

E-mail: biodsvb@uol.com.br